



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

Mauricio Vernochi Costa Serrano

**RECUPERANDO A “CONFIANÇA”: A CONSTRUÇÃO DOS *ETHÉ* DE
CREDIBILIDADE E IDENTIFICAÇÃO NO PRIMEIRO DISCURSO DE MICHEL
TEMER COMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Campo Grande/MS

Novembro/2018

MAURICIO VERNOCHI COSTA SERRANO

**RECUPERANDO A “CONFIANÇA”: A CONSTRUÇÃO DOS *ETHÉ* DE
CREDIBILIDADE E IDENTIFICAÇÃO NO PRIMEIRO DISCURSO DE MICHEL
TEMER COMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, Habilitação Português/Inglês e suas literaturas, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Aline Saddi Chaves.

Campo Grande/MS
Novembro/2018

SERRANO, Mauricio Vernochi Costa.

Recuperando a “confiança”: A construção dos *ethé* de credibilidade identificação no primeiro discurso de Michel Temer como Presidente da República. UEMS. Campo Grande, MS. 2018. 39 pp.

Monografia de Conclusão de Curso.

Palavras-chave: análise do discurso francesa; discurso político; discurso oficial de Michel Temer.

MAURICIO VERNOCHI COSTA SERRANO

**RECUPERANDO A “CONFIANÇA”: A CONSTRUÇÃO DOS *ETHÉ* DE
CREDIBILIDADE E IDENTIFICAÇÃO NO PRIMEIRO DISCURSO DE MICHEL
TEMER COMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras,
Habitação Português-/Inglês e suas
literaturas, da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Presidente

Prof. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Membro

Profa. Me. Maiara Cano Romero Pereira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Membro

DEDICATÓRIA

Para Izadora Serrano Vernochi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, em especial minha esposa que sempre esteve presente, apoiando e incentivando a prática docente.

Aos profissionais envolvidos que me acompanharam durante a graduação, em especial à Prof^a. Dr^a. Aline Saddi Chaves que me orientou nesse trabalho para a conclusão da Licenciatura.

EPÍGRAFE

Ou escreves algo que valha a pena ler, ou fazes algo acerca da qual valha a pena escrever.

(Benjamin Franklin)

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso tem como objetivo analisar os *ethé* presentes na voz oficial de Michel Temer, tendo como corpus da pesquisa seu primeiro pronunciamento como Presidente da República, datado de 12 de maio de 2016, ao término do processo que afastou Dilma Rousseff por crimes de responsabilidade administrativa. A hipótese da pesquisa é a de que, dentre os meios persuasivos da linguagem, Temer lança mão, em seu discurso, dos *ethé* de credibilidade e identificação, de modo a sustentar sua imagem de Presidente da República apto a assumir o cargo, e a justificar as propostas de reformas para o país. O referencial teórico da pesquisa se fundamenta na análise do discurso francesa, disciplina que propõe a articulação entre língua, sujeito e ideologia. O discurso analisado retrata a compreensão de como um objeto simbólico, a língua, produz sentidos. As análises dos enunciados selecionados do corpus mostram que a identidade discursiva do enunciador se baseia em estratégias persuasivas que pretendem transmitir confiança ao público receptor, de modo que este perceba o Presidente da República interino como sujeito digno de fé, com condições de sinceridade e transparência, capaz de pôr em prática o que anuncia.

Palavras-chave: análise do discurso francesa; discurso político; discurso oficial de Michel Temer.

ABSTRACT

This monograph of course completion aims to analyze the ethos present in the official voice of President Michel Temer, having as corpus of research his first official speech as President of the Republic, on May 12, 2016, at the end of the process of removal of Dilma Rousseff, occupant of the same position. The research hypothesis is that the persuasive means of language, in particular ethos, lends credibility to the speech of the interim President. The theoretical reference of the research constituted by the theoretical presuppositions of the analysis of the French discourse, discipline that takes into account the articulation between language, subject and ideology. The analyzed discourse thus portrays the comprehension of one as a symbolic, a linguistic object, and produces meanings. The analysis shows that in the middle of the discourse, Temer constructs an image of himself, a discursive identity of enunciator with persuasive strategies. The ethos of credibility is present in several discourse cutouts. The intention is that he judges himself as a presiding subject of the Republic worthy of faith, with conditions of sincerity and transparency, able to put into practice what he announces.

Keywords: french discourse analysis; political discourse; official discourse of Michel Temer.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. A análise do discurso: história e fundamentos.....	13
2.1 Retórica, <i>ethos</i> e análise do discurso político.....	16
2.2 <i>Ethos</i> na análise do discurso	18
2.3 O <i>ethos</i> no discurso político	19
3. Análise do primeiro discurso de Michel Temer como Presidente da República.....	21
3.1 Os <i>ethé</i> de identificação no discurso de Temer.....	23
3.2 Os <i>ethé</i> de credibilidade no discurso de Temer.....	25
4. Considerações finais.....	31
5. Referências bibliográficas	32
6. Anexos.....	33

1. Introdução

O presente trabalho toma como objeto de estudo o discurso político, propondo-se a analisar discursivamente o primeiro discurso de Michel Temer ao assumir o cargo de Presidente da República do Brasil, em 2016, ao término de um processo jurídico que afastou Dilma Rousseff do mesmo posto, por atos de improbidade administrativa.

Para tanto, fundamentamos a pesquisa na análise do discurso francesa, disciplina que relaciona a língua às condições de produção do discurso, tendo por base a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo histórico. Para analisar o corpus da pesquisa, constituído pelo discurso de posse da equipe de ministros de Michel Temer, complementamos o referencial teórico com a noção de *ethos*, trabalhada na análise do discurso com a finalidade de compreender os efeitos de sentido da construção da imagem de si do orador/enunciador na materialidade linguística, isto é, no texto/discurso.

Temos como hipótese que, em seu pronunciamento, Michel Temer desenvolve diferentes *ethé* de credibilidade e de identificação, atualizando sentidos relacionados à exterioridade e à anterioridade do discurso, isto é, ao interdiscurso e ao não-dito, além da memória discursiva.

O analista do discurso se envolve na interpretação a partir de um lugar que não é neutro, operando o deslocamento entre descrição e interpretação, e relacionando o dito ao não-dito, de onde resulta o sentido dos textos/discursos. Assim, discursivizar é tomar partido, é entrelaçar o simbólico com o contexto sociocultural e político. No objeto em estudo, temos uma figura de poder, representada pelo Presidente da República, que sustenta seus dizeres com base na memória dos acontecimentos recentes da política brasileira, mais especificamente o afastamento de Dilma Rousseff em 2016. Temer fala, portanto, a partir dessas condições de produção, o que, em nossa hipótese, também sustenta o discurso voltado para as reformas governamentais.

Com efeito, o momento histórico em que este discurso é pronunciado produz efeitos de sentido, e pode ser remetido à aprovação, em 31 de agosto de 2016, no Senado federal, por 61 votos favoráveis e 20 contrários, do afastamento da representante maior do Estado, Dilma Rousseff, condenada por crimes de

responsabilidade fiscal, por editar decretos sem autorização do Legislativo, e por ter realizado as chamadas pedaladas fiscais, o que levou o banco Safra a pagar benefícios com recursos próprios. É com base nesse cenário que Temer desenvolve os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação em diversos momentos da sua fala, elaborando meios de persuadir seu público, os cidadãos brasileiros.

Justificamos que a importância deste estudo é contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento do discurso político, baseado na criação de uma imagem de si, pelo orador, representado pelo homem político.

O objetivo geral desta monografia para conclusão de curso é analisar o primeiro discurso de Michel Temer como Presidente da República, a partir da construção de uma imagem de credibilidade e identificação com o público. Essa imagem, a nosso ver, é necessária para marcar um posicionamento diante de um cenário de instabilidade política e econômica, além de “preparar o terreno” para reformas políticas e sociais de grande impacto.

Os objetivos específicos desta pesquisa estão relacionados ao estudo dos mecanismos de construção dos *ethé* de identificação e credibilidade no discurso oficial de Michel Temer como Presidente, a fim de persuadir o público.

A metodologia do trabalho consiste em analisar os enunciados do discurso de Temer que manifestam a imagem de si criada pelo orador/enunciador para transmitir confiança na nova gestão. Ao todo, são analisados 25 enunciados, sob o enfoque das noções dos *ethé* de credibilidade e de identificação do discurso político (CHARAUDEAU, 2013).

Após apresentar o referencial teórico e metodológico da pesquisa, analisamos os enunciados, antes de fazer as considerações finais.

2. A análise do discurso: história e fundamentos

A análise do discurso surgiu na França no final dos anos 1960, iniciada pelo filósofo Michel Pêcheux, que tinha como motivação primeira discutir a intelectualidade da época e sua conjuntura de ideias, buscando na linguagem o funcionamento das dinâmicas sociais, por meio das noções de língua, sujeito e ideologia.

A partir do final dos anos 1960, a análise do discurso inaugurou um novo objeto de estudo, o discurso, em que se articula a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo. Segundo Orlandi (2001), a Linguística constitui-se pela afirmação da não transparência da linguagem, tendo ela seu objeto: a língua com sua ordem própria, uma estrutura. A Psicanálise contribui com o deslocamento da noção de homem (indivíduo) para a de sujeito, e este, por sua vez, constitui-se na relação com o simbólico, na história. Já a História contribui para a análise do discurso com a perspectiva do materialismo e da ideologia, na medida em que as práticas de linguagem são compreendidas como produtos das ideologias.

Desse modo, na análise do discurso, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se crie o dizer. Nesse sentido os funcionamentos linguísticos, o inconsciente e a ideologia, ou a produção de evidências subjetivas, a que estão sujeitos à língua e a história são as condições para a constituição do sujeito e dos sentidos (ORLANDI, 2001).

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo, e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento. Esse acontecimento está permeado de discursos dispersos que se atualizam em textos, sendo o analista do discurso responsável por encontrar essa “ordem do discurso”.

Tendo o sentido das palavras como ponto de partida para sua constituição, a análise do discurso francesa mantém uma relação com outras disciplinas, notadamente, a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo histórico. Desse entrecruzamento de áreas de conhecimento das ciências sociais, concebe que os objetos simbólicos produzem sentidos para e por sujeitos, de modo que os sentidos resultam não da essência das palavras, isto é, de sua significação estável, mas da exterioridade e da anterioridade dos dizeres, daí a noção de memória discursiva.

Há, assim, a presença de uma ausência necessária, onde o discurso se articula entre a memória e o esquecimento, estruturado na ordem da enunciação e da história. Desse modo, quem discursa atualiza sentidos já ditos. É nesse sentido que o imaginário faz parte, necessariamente, do funcionamento da linguagem.

Pela ótica da análise do discurso, a linguagem não é a representação transparente da realidade, mas a criação de diferentes efeitos de sentido. Já a ideologia não reflete o mundo real, mas apresenta com uma narrativa a condição imaginária do indivíduo para com o real, remetendo a falsa consciência ou

imaginação, a partir do modo como estabelece a relação do mundo com o sujeito que nele (inter)age. A linguagem aproxima os indivíduos de ações reais da sobrevivência, dos objetos do mundo, desse modo, são práticas e efeitos históricos que permitem compreender a materialidade verbal. Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo, e, como já dissemos, busca-se compreender a língua, para além da estrutura, como acontecimento.

O discurso se apresenta com muitas maneiras de significar a linguagem, pois não se apoia exclusivamente na gramática, nem tampouco na língua-sistema, mas está relacionado à palavra em movimento e à construção dos sentidos veiculados pela língua, a qual carrega marcas. Na próxima citação, Orlandi explica as relações entre a teoria do discurso e as disciplinas que a constituem:

A análise do discurso interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como materialmente relaciona-se ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI 2001, p. 20)

Todo discurso é formado por certas condições de produção, que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico, disponibilizando dizeres que afetam o modo como o sujeito “fala”, em uma dada situação de enunciação. Ou seja, as condições de produção do discurso envolvem seu contexto enunciativo e sócio-histórico.

Orlandi (2001) explica que o interdiscurso corresponde a todo o conjunto de formulações já feitas e esquecidas, que determina o que dizemos. É preciso que o que foi dito por um sujeito em específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras.

O interdiscurso se manifesta no discurso por meio do não-dito, pois é atravessado pelos discursos anteriores, com os quais ele estabelece uma relação de aliança ou de antagonismo. Para exemplificar, no *corpus* analisado, em vários momentos o presidente Michel Temer dá a entender que, nos anos em que o PT governou, principalmente nos anos de bonança econômica, poderia ter feito reformas estruturais, melhorar a questão tributária e reduzir a burocracia. O sentido deste discurso depende, portanto, de suas condições de produção, pois mobiliza dizeres já ditos, em outra(s) conjuntura(s). Para dar sentido às palavras ditas por um sujeito, é preciso que outro sujeito já o tenha dito, e que haja o esquecimento.

A evidência produzida pelo interdiscurso pode ser compreendida como não-dito, pois está presente no discurso, correlacionado a uma memória dos dizeres. No *corpus* em análise, Michel Temer evoca muitas vezes a corrupção que abalou o governo Dilma. Após uma leitura minuciosa de seu discurso, a memória também se volta ao impeachment sofrido por Dilma, e que muitos interpretaram como “golpe”.

Essas reflexões sobre o não-dito, carregado de uma ideologia que se vincula ao imaginário e ao esquecimento e (re)dito em algum momento, reconfiguram o sentido dos textos/discursos. Há uma relação que surge como determinante para a formulação do discurso, pela relação entre o intradiscurso (materialidade verbal) e o interdiscurso (discursos com os quais todo texto entra em relação). A esse respeito, Pêcheux diz que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÉCHEUX, [1975] 1988, p. 160)

Com base no exposto, propomos, a seguir, uma incursão na noção aristotélica de *ethos*, assimilada à análise do discurso a partir dos trabalhos de Maingueneau (1993) e Amossy (2005), entre outros. A noção de *ethos* é importante, neste trabalho, na medida em que o discurso político, objeto da pesquisa, revela uma preferência pela argumentação persuasiva.

2.1 Retórica, *ethos* e análise do discurso político

Em nosso trabalho, a análise do discurso serve de aparato teórico e analítico para analisar o discurso político, mais especificamente o primeiro pronunciamento oficial do Presidente Michel Temer, que assumiu o cargo de Presidente da República após a destituição de Dilma Rousseff, ao término de um processo jurídico e político que a condenou por crimes de responsabilidade durante sua gestão.

Segundo Charaudeau (2013), o discurso político é uma forma de organização da linguagem em uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, no interior de

determinado campo de práticas, como se pode compreender melhor por esta citação:

A análise do discurso político invocou em seu início o “materialismo histórico” e uma “teoria das ideologias” tal como ela foi definida por Althusser. Em seguida ela se apropriou, ao final de um trabalho crítico, do conceito de “formação discursiva” proposto por Foucault e deu lugar a pesquisas que tinham por objetivo revelar os pressupostos ideológicos que se escondiam sob a linguagem, isso com a ajuda de métodos de análise diversos (análise automática, análise distribucional, análise lexicométrica etc.). (CHARAUDEAU, 2013, p. 35)

Para discutir a questão das relações entre política e discurso, é preciso saber o que é política, termo originário do grego “*politéia*”, isto é, cidade-estado, relacionado à vida em coletividade. Nota-se que a política está relacionada diretamente com a vida em sociedade, para que cada indivíduo expresse seus conflitos e diferenças; surgiu, então, para garantir a estabilidade social.

No discurso de Temer, observamos o desenvolvimento de uma argumentação baseada no *ethos*, isto é, a imagem de si, de credibilidade. O conceito de *ethos* foi pensado na retórica antiga, e apropriado pela análise do discurso no início do século XXI.

Um breve resgate do surgimento da retórica nos leva a Aristóteles e seus estudos sobre os meios de persuasão pela linguagem. O filósofo grego Aristóteles nasceu em Estagira, norte da Grécia, em 384 a. C., e morreu na ilha de Euboca em 322 a. C. Aos dezoito anos, começou a ministrar aulas no curso de Retórica da Academia Platônica, por ser destaque nesse estudo. Seu domínio o levou a especular teoricamente, analisando os tipos de argumentos persuasivos. A palavra “retórica” deriva da palavra grega *rhetorikê*, significando “arte da palavra”. Nesse sentido, a retórica é a técnica de fazer com que um ponto de vista persuasivo, emitido pelo orador, seja aceito pelo auditório.

Aristóteles deu ênfase a três aspectos da argumentação persuasiva, ou tipos de argumentos: o *logos*, relacionado ao conteúdo do discurso; o *ethos*, relacionado à imagem que o orador cria em seu discurso; e o *pathos*, ligado às emoções despertadas no ouvinte. O filósofo grego classificou o auditório em três espécies, às quais correspondem três gêneros do discurso, sendo eles: o deliberativo ou político (decisivo), orientado para que o auditório, representado por uma assembleia, tome uma decisão; o gênero epidítico ou demonstrativo, onde o espectador é o auditório

orientado a censurar ou elogiar, com valores do nobre e do vil; e, por último, o gênero discursivo judiciário, onde o auditório é composto pelo tribunal, e o discurso é de defesa ou acusação.

Para criar uma imagem positiva de si mesmo, o orador se vale de três qualidades na retórica: a *phronesis* ou prudência, a *aretè*, ou virtude, e a *eunoia* ou benevolência. Nota-se, então, que o *ethos* é distinto dos atributos fidedignos da pessoa do locutor.

De acordo com a retórica de Aristóteles, o *ethos* é essencial para atrair o interesse do público, por meio do estilo empregado e do tom capaz de discernir os meios de persuasão, transmitindo o efeito de verdade desejado. Essa demonstração psicológica garante uma construção da imagem de si pelo orador. Segundo Charaudeau (2013), não vivemos no mesmo mundo da retórica antiga, e a palavra não está mais condicionada pelos mesmos dispositivos; o que era uma disciplina única – a retórica – reverbera hoje em diferentes disciplinas teóricas e práticas, que têm interesses distintos e captam o *ethos* sob facetas diversas, a exemplo da análise do discurso francesa.

2.2 *Ethos* na análise do discurso

Maingueneau (1993) preconiza que o sujeito da análise do discurso, histórico e submetido à ideologia, propõe uma apresentação de si, um *ethos*, no decorrer da enunciação: “O *ethos* está [...] ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, apreendido independentemente de sua atividade oratória” (MAINGUENEAU, 1993, p. 138).

Conforme Maingueneau (2010), o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, contudo, existe um *ethos* pré-discursivo, que corresponde à imagem prévia que o público possui do orador, antes mesmo do discurso, e um *ethos* discursivo, que se desenvolve na cena da enunciação. Na análise do discurso, Maingueneau (2006) propõe também que todo discurso pretende convencer fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima; o olhar do analista se volta então para o *ethos* discursivo, aquele que se desenvolve na materialidade do discurso, isto é, no texto.

O autor também explica que o *ethos* se elabora por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente. É um comportamento com articulação verbal e não verbal, que provoca efeitos multissensoriais. Em seu discurso/texto, o enunciador desenvolve, então, uma imagem de si, ou *ethos*, construído na atividade discursiva.

Maingueneau (2002, p. 95) assevera que “toda fala procede de um enunciado encarnado; mesmo quando escrito, o texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito para além-texto”. No discurso político, o *ethos* é uma das técnicas persuasivas mais empregadas, o que também ocorre no discurso de Temer, analisado mais adiante. Por esse motivo, evidenciaremos o *ethos* neste trabalho.

2.3 O *ethos* no discurso político

Em seu discurso, o homem político expressa o desejo de lutar por seu povo, defendendo valores coletivos, e não interesses pessoais. Mas, ele deve prever uma utilização deformada de suas próprias declarações, daí o fato de seu discurso ser persuasivo, com vistas a buscar a maior adesão possível do auditório. Assim sendo, a política é uma prática social, que busca a intimidade com o poder, na condição mínima de ser fundada sobre uma legitimidade adquirida e atribuída. A esse respeito, Amossy (2005) explica:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências. As entrevistas que determinam a escolha de um candidato para um cargo, os comícios eleitorais, as relações de sedução, todas as declarações em que a imagem do locutor implica riscos concretos, vêm nos lembrar desse fato. (AMOSSY, 2005, p. 9)

Em sua busca de obter a adesão do ouvinte, o orador/enunciador emprega um discurso de fácil compreensão, com emprego de figuras, estereótipos e imaginários que denotam certa crença social. Segundo Maingueneau e Charaudeau

(2008), os estereótipos designam imagens prontas, que medeiam à relação do indivíduo com a realidade, ao mesmo tempo em que eles se relacionam com a cena validada, que já está instalada na memória coletiva.

O *ethos* ampara o caráter do orador, que persuade mostrando seu caráter moral, inspirando confiança e identificação no auditório. A partir de tal entendimento, Charaudeau (2013) desperta o olhar para os diferentes *ethé* do discurso político, capazes de promover a interação entre orador e auditório. Segundo Charaudeau (2013), na obra *O discurso político*, os oradores da política desenvolvem dois *ethé*: de credibilidade e de identificação com seu público. O autor explica também que o *ethos* como “imagem de si”, é uma identidade psicológica, sem marcas específicas, pois existe a noção de “tom” da voz, gestos e maneiras de falar, o sujeito que transparece, e como fiador de um caráter e de uma corporalidade subjetiva, e também, a pessoa do locutor, bem como a própria corporalidade do enunciador como fonte de identificação.

Os *ethé* de credibilidade compreendem: o *ethos* de sério, de virtude e de competência. Segundo Charaudeau (2013), esses *ethé* não são uma qualidade ligada à identidade social do sujeito, e sim o resultado de uma identidade com julgamento de “digno de fé”. O *ethos* de “sério” é constituído por certa rigidez corporal, com expressão raramente sorridente. O *ethos* de “virtude” é o político que dá bons exemplos, exige sinceridade e fidelidade, uma imagem de honestidade pessoal. O *ethos* de “competência” exige do político o saber e a habilidade, na medida em que deve demonstrar experiência necessária para realizar seus objetivos com resultados positivos.

Os *ethé* de “identificação” compreendem: o *ethos* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de chefe e de solidariedade. Esses *ethé* correspondem a uma relação triangular entre *si*, o *outro* e um *terceiro ausente*, onde o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político.

O *ethos* de “potência” pode aparecer ante uma figura de virilidade sexual, nem sempre declarada, sendo um *ethos* mais masculino do que feminino, e não pode ser confundido com o poder. O *ethos* de “caráter” diz mais respeito à força do espírito do que do corpo, relacionando a imagem de coragem, orgulho e moderação. O *ethos* de “inteligência” se faz na dependência do imaginário coletivo, com uma imagem de astúcia e malícia. Agrega valores, pois seus adversários são de

diferentes atributos. O *ethos* de “humanidade” é aquele em que o político é mensurado pela capacidade de demonstrar sentimento, compaixão para com aqueles que sofrem. O *ethos* de “chefe” corresponde a uma construção da imagem de si para que o outro adira, siga, identifique-se a este ser que supostamente é representado por um si-mesmo idealizado. O *ethos* de “solidariedade” é aquele em que o político se mostra emocionado pelo sofrimento alheio, construindo-se em uma relação de reciprocidade entre atos e declarações.

No *corpus* analisado nesta pesquisa, veremos que Temer desenvolve os *ethé* de credibilidade e identificação, buscando criar uma imagem de homem político leal, sério e capaz de mudar a conjuntura do país.

3. Análise do primeiro discurso de Michel Temer como Presidente da República

Antes de dar início às análises, é preciso situar o acontecimento histórico e discursivo que sustenta o primeiro pronunciamento oficial de Michel Temer como Presidente da República do Brasil.

O momento político conturbado dos anos de 2015 e 2016 resultaram na cassação do mandato da ex-Presidente da República Dilma Rousseff, ao término de um processo em que ela fora acusada por crimes de responsabilidade fiscal, e envolvimento indireto nos casos de corrupção em massa na Petrobrás, conhecido como “Operação Lava Jato”, conduzida pela Polícia Federal. Segundo Silva Junior (2018), esse acontecimento:

[...] tem seu início em meados de 2015, quando a Câmara dos Deputados, presidida pelo ex-parlamentar Eduardo Cunha, acatou, em 2 de dezembro, o pedido de afastamento de Dilma Rousseff. Nesse mesmo ano, a Câmara recebeu 50 pedidos de impedimento, tendo sido acatado o processo elaborado pelos juristas Miguel Reale Junior e Janaína Conceição, que acusavam Dilma por crimes de responsabilidade fiscal. O fenômeno do afastamento teve seus sentidos circulados também em manifestações coletivas, como, por exemplo, os movimentos sociais “Vem pra rua” e o “Movimento Brasil livre”, entre outros, que se mobilizaram, produzindo discursos de apoio ou repúdio à abertura do processo. (SILVA JUNIOR, 2018, p. 15)

Seja nos discursos estabilizados das mídias, seja nos discursos instáveis das manifestações de rua, o afastamento de Dilma dividiu opiniões, passando a ser chamado de “impeachment” ou “golpe”, como explicado a seguir:

Os sentidos *golpe* e *impeachment* são termos e conceitos distintos, mas têm circulado, nos discursos institucionalizados (política, direito, jornalismo) e não institucionalizados (redes sociais, manifestações), de forma antagônica, em referência ao mesmo fenômeno. (SILVA JUNIOR, 2018, p. 14)

É preciso lembrar que, à época da reeleição de Dilma Rousseff, em 2015, por ocasião de seu segundo mandato, os dois candidatos formavam uma chapa para a presidência, com um projeto único para o governo. No entanto, Michel Temer, ainda como vice-presidente, se fez contrário aos ideais conquistados durante a candidatura.

Em 2016, após assumir o cargo máximo da República, Temer se pronunciou por meio de um discurso em que constrói a imagem de um chefe digno de credibilidade, por ser detentor de uma intelectualidade e historicidade política, em razão de sua vasta carreira acadêmica e política. Desse modo, há um *ethos* prévio que, de alguma forma, sustenta seu discurso, mas é o *ethos* discursivo que permite interpretar os efeitos de sentido de confiança, como veremos nas análises.

Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da análise do discurso francesa, com destaque para a construção dos *ethé* do homem político, analisaremos o primeiro discurso de Temer como Presidente¹. Este discurso foi pronunciado em 12 de maio de 2016, e é intitulado, no site da Presidência da República²: “Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado”.

A seguir, analisamos enunciados selecionados a partir do *corpus*³. Primeiramente, analisamos a construção dos *ethé* de identificação; em seguida, os *ethé* de credibilidade.

¹ O texto integral do discurso de Michel Temer encontra-se nos Anexos deste Trabalho de conclusão de curso.

² Extraído de: https://gestaoconteudo.presidencia.gov.br/gestao_planalto/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto. Acesso em 12/09/2018.

³ Os enunciados serão destacados e numerados, por uma questão metodológica. A letra E significa “enunciado”, e é seguido de uma numeração, em conformidade com a ordem do texto, transcrito na

3.1 Os *ethé* de identificação no discurso de Temer

Em seu discurso de posse dos ministros, Temer usou estratégias que conferem credibilidade a seu discurso; promessas e propostas de conagração a todo o momento aparecem em sua fala. São promessas de reformas para o crescimento econômico do país, promessas pessoais de esforço para tirar o país da crise política e econômica, e o conagração, onde tenta reconciliar uma nação polarizada e desacreditada na classe política. Desse modo, a articulação de diversos *ethé* constrói um sujeito que se diz capacitado, sério, competente e empenhado em promover mudanças.

Os *ethé* de credibilidade presentes no enunciado E1 a seguir, é complementado por um dos *ethé* de identificação, de modo a provocar a adesão do público, por meio das imagens de orador prudente, virtuoso, solidário, inteligente e capaz de chefiar a nação. Analisaremos assim, enunciados que denotam esses *ethé* de identificação, a começar pelo que segue:

[E1]: Eu pretendia que esta cerimônia fosse extremamente sóbria e discreta, como convém ao momento que vivemos. Entretanto, eu vejo o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores governadores, e tenho absoluta convicção de que este entusiasmo deriva, precisamente, da longa convivência que nós todos tivemos ao longo do tempo. Até pensei, num primeiro momento, que não lançaria nenhuma mensagem neste momento. Mas percebi, pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, que indispensável seria esta manifestação.

Neste longo trecho, identifica-se um mecanismo de persuasão pelos *ethé* de identificação, em que o enunciador pretende agir sobre o ouvinte pelo *ethos* de solidariedade, em torno do termo “entusiasmo”. Os termos “sóbria e discreta”, em referência ao discurso pronunciado, trazem à tona o não-dito, segundo Temer, “como convém ao momento que vivemos”. Nesse sentido, Temer ativa uma memória do acontecimento histórico e político do afastamento de Dilma, e a crise política e econômica presente herdada.

Existem, assim, embates implícitos com o governo anterior, fazendo com que a voz do novo capitalismo surja, dando indícios do alinhamento ideológico do novo governo, reiterando a noção de estado mínimo, ao afirmar: “*Mas nós, governo,*

íntegra nos Anexos deste trabalho. Explicamos, ainda, que o mesmo enunciado é analisado em mais de uma ocorrência, mas com um enfoque de análise diferente.

Parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las”. Ou ainda, em “sabemos que o Estado não pode tudo fazer”, como no recorte a seguir:

[E2]: Reitero como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a Nação e unificar o Brasil. É urgente fazermos um governo de salvação nacional. Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro hão de emprestar sua colaboração para tirar o país dessa grave crise em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios para avançar e garantir a retomada do crescimento. Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, tem as melhores receitas para as reformas que precisamos realizar. Mas nós, governo, Parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las. [...] Sabemos que o Estado não pode tudo fazer.

Do imaginário ao real, o discurso representa uma possível realidade, nos trazendo então um projeto totalizante de quem o faz, e nesse sentido Michel Temer adota uma postura constitucionalista, citando a todo o momento a Constituição Federal de 1988, ou “livrinho”, para elucidar seus anseios e marcar sua posição. Trata-se, portanto, de um discurso carregado de legalidade, possível graças à construção de um *ethos* de chefe, que faz parte dos *ethé* de identificação do homem político. É o que se observa no próximo enunciado:

[E3]: Os senhores veem que eu insisto muito no tema da Constituição porque, ao meu modo de ver, toda vez que nós nos desviamos dos padrões jurídicos, e o Direito existe, exata e precisamente, para regular as relações sociais, quando nós nos desviamos as (incompreensível) dos limites do Direito, nós criamos a instabilidade social e a instabilidade política. Por isto eu insisto sempre em invocação do texto constitucional.

Segundo Aristóteles, como dissemos anteriormente, para criar uma imagem positiva de si mesmo, o orador se vale de três qualidades da argumentação retórica: a *phronesis* ou prudência, a *aretè*, ou virtude, e a *eunoia* ou benevolência. Em E3, Temer reforça a construção da imagem de homem político prudente e virtuoso, na medida em que se mostra comprometido com os valores da República, mais especificamente com a Constituição Federal de 1988.

[E4]: Por isso, nessa tarde de quinta-feira não é momento para celebrações, mas para uma profunda reflexão: é o presente e o futuro que nos desafiam e não podemos olhar para frente com os olhos de ontem. Olhamos com olhos no presente e olhos no futuro.

Em E4, o *ethos* de homem político prudente se manifesta no uso de linguagem figurada, em “não podemos olhar para frente com os olhos de ontem” e “olhos no presente e olhos no futuro”, aproximando o orador/enunciador do público

ouvinte. Revela-se, aí, uma tática discursiva de Temer para se destacar do governo anterior (“ontem”), convocando os brasileiros a olharem para “frente”, para o “presente” e o “futuro”. Nesse sentido, podemos dizer que Temer desenvolve um *ethos* de “inteligência”, que se faz na dependência do imaginário coletivo, com uma imagem de astúcia.

[E5]: Finalmente, meus amigos, fundado num critério de alta religiosidade. E vocês sabem que religião vem do latim religio, religare, portanto, você, quando é religioso, você está fazendo uma religação. E o que nós queremos fazer agora, com o Brasil, é um ato religioso, é um ato de religação de toda a sociedade brasileira com os valores fundamentais do nosso País.

Em E5, o *ethos* de governante inteligente e humano é construído pela referência à origem da palavra “religião”, do latim “religare”, promovendo o conagraçamento da população brasileira em torno de seu projeto, comparado a um “ato religioso”.

A seguir, analisamos enunciados que manifestam os *ethé* de credibilidade.

3.2 Os *ethé* de credibilidade no discurso de Temer

Conforme vimos, a categoria dos *ethé* de credibilidade compreende os *ethos* de sério, de virtude e de competência. Estes *ethé* se fazem a partir da construção de uma identidade em que o sujeito que discursa deixa claro que faz aquilo que pensa e que tem grandes possibilidades de pôr em prática o que diz de um sujeito que transmite condição de sinceridade e transparência.

Os *ethé* de credibilidade são desenvolvidos, entre outros, no enunciado a seguir:

[E6]: ...e tenho absoluta convicção de que este entusiasmo deriva, precisamente, da longa convivência que nós todos tivemos ao longo do tempo.

No mesmo enunciado que introduz um dos *ethé* de identificação, analisado anteriormente, em E2, pela imagem de governante solidário, um dos *ethé* de credibilidade se manifesta no trecho “absoluta convicção”, buscando obter a adesão de seus governados e parlamentares, pela ideia de que estes o conhecem por seu

trabalho e experiência (“longa convivência”). Observa-se, portanto, a construção de uma imagem de homem político comprometido, sério.

[E7]: ... E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança. Confiança nos valores que formam o caráter de nossa gente, na vitalidade da nossa democracia; confiança na recuperação da economia nacional, nos potenciais do nosso país...

Em E7, o termo “confiança” age como apelo argumentativo para uma condição de *performance*, instaurando a imagem de homem político apto a praticar o que pensa e diz. Encontra-se aí um ethos de competência, atribuído a um “nós”, que engloba o “povo brasileiro”, mas que, enunciado pelo Presidente, atribui a ele próprio, seu governo, a capacidade para realizar as mudanças, tendo em vista o “caráter de nossa gente”, a “vitalidade da nossa democracia”, os “potenciais do país”.

[E8]: Reitero como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a Nação e unificar o Brasil.

Em E8, o *ethos* de sério é construído pelo comprometimento em unificar o país, o que, segundo Temer, é “urgente”. Como explica Charaudeau:

O *ethos* de “sério” está presente na capacidade de um autocontrole diante das críticas, sangue frio diante da adversidade, não se entregar a acessos de cólera nem mostrar que esta é contida (na verdade calculada) com objetivos táticos; índices que demonstram grande energia e capacidade de trabalho, onipresença em todas as linhas de frente da vida política e social, particularmente junto àqueles que sofrem. (CHARAUDEAU, 2013, p. 120)

Esse *ethos* se confirma na continuidade da fala, como veremos a seguir:

[E9]: É urgente fazermos um governo de salvação nacional. Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro hão de emprestar sua colaboração para tirar o país dessa grave crise em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios para avançar e garantir a retomada do crescimento. Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, tem as melhores receitas para as reformas que precisamos realizar. Mas nós, governo, Parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las.

Os *ethé* de credibilidade se desenvolvem, em E9, pela imagem de um político convicto e empenhado em resgatar a credibilidade do Brasil (“salvação nacional”), por meio do diálogo. Nesse sentido, podemos falar que Temer constrói, em seu

discurso, um *ethos* de sério e de virtude. O direcionamento do discurso a empresários e aos setores privados aparece no enunciado a seguir:

*[E10]: **Eu conservo a absoluta convicção**⁴ de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas se entusiasmem e retomem, em segurança, com seus investimentos. Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no País.*

Charaudeau (2013) explica que o *ethos* de “virtude” aparece no discurso quando a honestidade pode igualmente exprimir-se em relação aos adversários em termos de lealdade. Desse modo, Temer garante, pela imagem que cria de si mesmo enquanto Presidente, que os programas sociais do governo anterior, cujo vínculo partidário é diferente do seu, não serão deixados de lado, mas implantados à sua pasta, quando diz que prestigia aquilo que deu certo, como se pode observar nos enunciados E11 e E12, a seguir:

*[E11]:... Ao Estado compete — **vou dizer, aqui, o óbvio** —, compete cuidar da segurança, da saúde, da educação, ou seja, dos espaços e setores fundamentais, que não podem sair da órbita pública. O restante terá que ser compartilhado com a iniciativa privada, aqui entendida como a conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores.*

*[E12]: Portanto, **reafirmo**, e o faço em letras garrafais: vamos manter os programas sociais. O Bolsa Família, o Pronatec, o Fies, o Prouni, o Minha Casa Minha Vida, entre outros, são projetos que deram certo, e, portanto, terão sua gestão aprimorada. Aliás, aqui mais do que nunca, nós precisamos acabar com um hábito que existe no Brasil, **em que assumindo outrem o governo, você tem que excluir o que foi feito. Ao contrário, você tem que prestigiar aquilo que deu certo**, completá-los, aprimorá-los e inserir outros programas que sejam úteis para o País. **Eu expesso, portanto, nosso compromisso** com essas reformas.*

No enunciado E11, a condição de eficácia do discurso fica clara quando Temer cita a competência do Estado em cuidar da segurança, saúde, educação, enquanto que, no enunciado E12, afirma-se a imagem de político virtuoso, de quem se compromete a prosseguir com programas sociais criados em governos anteriores. Temer busca, assim, transmitir uma imagem de transparência, de uma resposta às expectativas fantasiosas da instância cidadã.

[E13]: Mas eu quero fazer uma observação. É que nenhuma dessas reformas alterará os direitos adquiridos pelos cidadãos brasileiros. Como menos fosse sê-lo-ia pela minha

⁴ Nossos grifos.

formação democrática e **pela minha formação jurídica**. Quando me pedirem para fazer alguma coisa, eu farei como Dutra: "o que diz o livrinho?" O livrinho é a Constituição Federal.

O *ethos* de competência é contemplado pela formação jurídica do orador, exposta no enunciado E13, pois a confiança em alguém que conhece as leis e que tem formação acadêmica jurídica, ao mesmo tempo em que reforça a imagem de governante competente, persuade o público pela promessa de manter os direitos adquiridos pelos brasileiros. Reforça essa ideia a "formação democrática" do orador, em suas palavras, em referência a sua experiência na política.

[E14]: *As reformas fundamentais serão fruto de um desdobramento ao longo do tempo. Uma delas, **eu tenho empenho e terei empenho nisso**, porque eu tenho nela, é a revisão do pacto federativo. Estados e municípios precisam ganhar autonomia verdadeira sobre a égide de uma federação real, não sendo uma federação artificial, como vemos atualmente.*

No enunciado E14, o empenho do orador é dito por acreditar na capacidade em fazer o que diz. A convicção de sua fala traz credibilidade condicionada ao imaginário. O não-dito é interpretado em sua fala como argumento para as reformas que fazem parte de suas ambições e que não haviam sido tratadas no governo anterior.

[E15]: *A modificação que queremos fazer tem como objetivo, e **só se este objetivo for cumprido** é que elas serão levadas adiante, mas tem como objetivo o pagamento das aposentadorias e a geração de emprego. Para garantir o pagamento, portanto. Tem como garantia a busca da sustentabilidade para assegurar o futuro.*

A reforma que Michel Temer assegura que será melhor para a população em geral está agarrada a um objetivo que está para acontecer, mas, em seu discurso, ele deixa claro que possui eficácia e virtude. Uma atitude ética de respeito com o cidadão, ou seja, de transparência.

[E16]: *Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros. Portanto, **nós temos que governar em conjunto**.*

Nesse recorte, é manifesta a construção do *ethos* de um político que pretende trabalhar "em conjunto" pelo país, transmitindo seriedade e confiança. A credibilidade consiste em persuadir o público de que tem o poder para tal.

[E17]: *Todos **os nossos esforços** estarão centrados na melhoria dos processos administrativos, o que demandará **maior eficácia** da governança pública.*

Argumentos que reforçam a confiança aparecem no enunciado E17, com o emprego dos termos “esforços”, “melhoria”, “maior eficácia”. Atrair a população com esforço é dar credibilidade a sua competência enquanto governante.

*[E18]: Quanto mais cedo **formos capazes** de reequilibrar as contas públicas, mais rápido conseguiremos **retomar o crescimento**.*

Em E18, o não-dito, presente na história recente do Brasil, autoriza a interpretação de que o país estava estagnado, que o governo anterior não foi capaz de fazer frente à crise econômica e retomar o um crescimento econômico vivenciado anos antes. Temer emprega o pronome “nós” (“formos”, “conseguiremos”), incluindo seu ouvinte, em referência à capacidade do povo para “retomar o crescimento”, atraindo, assim, a credibilidade de que o país precisa para seguir adiante, mesmo na crise.

*[E19]: **Eu quero**, também, para **tranquilizar o mercado**, dizer que serão **mantidas todas as garantias** que a direção do Banco Central hoje desfruta para fortalecer sua atuação como condutora da política monetária e fiscal. É preciso, meus amigos, — e aqui eu percebo que eu fico dizendo umas obviedades, umas trivialidades, mas que são necessárias porque, ao longo do tempo, eu percebo como as pessoas vão se esquecendo de certos conceitos fundamentais da vida pública e da vida no Estado.*

No enunciado E19, o verbo “querer” (“eu quero”) denota a vontade de Temer de tranquilizar o mercado, construindo a imagem de comprometido, sério, de modo a ser “digo de fé” do ouvinte. A referência à ideia de “trivialidade” e “obviedades” se justifica pela necessidade de rememorar aos brasileiros “certos conceitos fundamentais da vida pública e da vida no Estado”, que, segundo ele, foram esquecidas pelas pessoas, o que traz à tona a memória discursiva do esquecimento de valores fundamentais para a vida em sociedade. Por meio dessa fala, Temer invoca um “poder fazer”, assegura uma virtude, como representante do povo, um sujeito sincero e fiel.

*[E20]: Então, quando eu digo “é preciso dar **eficiência** aos gastos públicos”, coisa que não tem merecido maior preocupação do Estado brasileiro, nós todos estamos de acordo com isso. Nós precisamos atingir aquilo que eu chamo de “democracia da **eficiência**”. Porque se, no passado, nós tivemos, por força da **Constituição**, um período da democracia liberal, quando os direitos liberais foram exercitados amplamente. Se, ao depois, ainda ancorado na **Constituição**, nós tivemos o desfrute dos chamados direitos sociais, que são previstos na **Constituição**, num dado momento aqueles que ascenderam ao primeiro patamar da classe média, começaram a exigir **eficiência, eficiência** do serviço público e **eficiência** nos*

*serviços privados. E é por isso que hoje nós estamos na fase da democracia da **eficiência**, com o que eu quero contar com o trabalho dos senhores ministros, do Parlamento e de todo o povo brasileiro.*

Neste recorte do pronunciamento de Temer, a repetição da palavra “Constituição” reforça o empenho em transmitir uma imagem de si de credibilidade, pela referência às leis vigentes no país. A repetição também ocorre com a palavra “eficiência” (6 vezes), em referência aos serviços públicos e privados. Pela ótica de uma análise discursiva, o termo “eficiência” contém um não dito, na medida em que remete à corrupção vivenciada no governo anterior, de Dilma Rousseff, e que Michel Temer, neste pronunciamento, assegura pela lei que não será mais corrompida. Temer afirma uma ideia de criar governabilidade, o que não ocorrera com a presidente anterior. Desse modo, identificamos uma estratégia que trabalha a memória de quem interpreta um não-dito.

*[E21]: Eu quero também remover — pelo menos **nós faremos um esforço extraordinário** para isto — a incerteza introduzida pela inflação dos últimos anos. Inflação alta — vai mais uma trivialidade — atrapalha o crescimento, desorganiza a atividade produtiva e turva o horizonte de planejamento dos agentes econômicos.*

Um esforço extraordinário, expressa o desejo e a imagem de alguém que quer promover mudanças, e que, supostamente, possui um poder para tal. Mais uma estratégia discursiva em seu discurso.

*[E22]: Nós todos sabemos que, há um bom tempo, o mundo está de olho no Brasil. Os investidores acompanham, com grande interesse, as mudanças no nosso país. Havendo condições adequadas — **e nós vamos produzi-las** —, **a resposta será rápida**, pois é grande a quantidade de recursos disponíveis no mercado internacional e até internamente, e ainda maior as potencialidades no nosso País.*

Em destaque no enunciado E22, está o *ethos* de sério no transcorrer das palavras, na entonação da fala, e uma competência reafirmada quando diz que a resposta será rápida. A credibilidade a todo o momento aparece em sua fala.

*[E23]: Os senhores veem que eu **insisto muito no tema da Constituição** porque, ao **meu modo de ver**, toda vez que nós nos desviamos dos padrões jurídicos, e o Direito existe, exata e precisamente, para regular as relações sociais, quando nós nos desviamos as (incompreensível) dos limites do Direito, nós criamos a instabilidade social e a instabilidade política. Por isto **eu insisto sempre** em invocação do texto constitucional.*

O modo de ver do presidente se agarra a uma virtude, a uma competência a uma formação jurídica, creditando a fidelidade de suas palavras para uma melhoria

em seu mandato, pois é um mandato que busca reformas. A estratégia persuasiva, neste caso, aparece na expressão “eu insisto muito”.

[E24]: A recuperação do prestígio do País e da confiança em seu futuro serão tarefas iniciais e decisivas para o fortalecimento da inserção internacional da nossa economia.

No enunciado E24, Temer volta a denegrir o governo passado, como quem deixou um país conturbado, em crise, e que necessita de reformas. O não-dito sustenta a credibilidade, pela ativação de uma memória histórica, no emprego da expressão “recuperação do prestígio”.

[E25]: Nesta tarde de quinta-feira, porém, e desde já pedindo desculpas pelo possível, para usar um refrão, pelo possível alongado da exposição, eu quero dizer, reiterar, que a minha intenção era realizar essa cerimônia, digamos assim, com a maior sobriedade possível.

A virtude aparece, em seu discurso enunciado em E25, pela construção de homem político humilde (uma virtude) em pedir desculpas por ocupar um tempo no discurso. Ao mesmo tempo, reconhece que seu discurso é sóbrio, termo que tem referência aos tempos de crise.

4. Considerações Finais

A instância política, segundo Charaudeau (2013), é a governança que está onde os atores têm um “poder fazer”, que é decisão e ação, e um “poder de fazer pensar”, isto é, de manipulação. Desse modo, essa instância busca legitimidade para ascensão deste lugar de credibilidade e para nele se manter. O discurso se faz em um espaço do fazer social, onde há uma identidade social atrelada à legitimidade, criando o ethos, e reverberação de uma identidade discursiva atrelada à credibilidade em um espaço de dizer.

Nesta monografia para conclusão de curso, embasamo-nos na análise do discurso francesa para analisar o primeiro discurso oficial de Michel Temer como Presidente da República. Neste discurso, foi possível observar a construção dos *ethé* de identificação e os *ethé* de credibilidade, na cena da enunciação, sem deixar de lado os fundamentos históricos da análise do discurso: a relação do real ao

imaginário, do consciente ao inconsciente, além da determinação da ideologia sobre a dispersão dos textos/discursos.

Analisamos, então, o discurso de Michel Temer com base nos pressupostos teóricos da análise do discurso, e os dados analisados do *corpus* deixaram à mostra os *ethé* de credibilidade em diversos momentos do pronunciamento, visto que a conjuntura na época da posse de Temer não estava favorável ao cenário político, como estratégia para fazer a população aderir aos seus planos de governos.

Conforme Orlandi (2012, p. 32), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua (...)”. No discurso proferido no início de seu mandato como presidente interino da República, Michel Temer usou de estratégias discursivas persuasivas, para tentar atingir seu público, tentando transmitir uma imagem de presidente fiel e capaz de reformar um país mergulhado em crise política e econômica, deixando seu discurso gravado na história.

Por meio desse estudo, observamos a língua em movimento, a construção de sentidos e o discurso como materialidade afetada pela ideologia, concluindo que há inúmeras formas de interpretar a discursividade, o que pode ser realizado em pesquisas futuras.

5. Referências bibliográficas

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso político**. São Paulo: Contexto, 2013.
- DOOLEY, Robert, A.; LEVINSSOHN, Stephen, H. **Análise de Discurso: conceitos básicos em linguística**. Vozes, 2003.
- JUCÁ, Cirleide Matos; CHAVES, Aline Saddi. A (re)construção do *ethos* discursivo da candidata Dilma Rousseff durante a campanha presidencial de 2010. **Revista Philologus**, Ano 21, N. 63 – Supl.: Anais da X CNLF, Rio de Janeiro: CIFEFIL, set./dez. 2015, **p.** 284-303.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

ORLANDI, Eni, Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009. Tradução de: *Les vérités de la palice*, 1975.

SILVA JUNIOR, José Braulio. **Os sentidos de *golpe e impeachment* no acontecimento discursivo político-midiático do afastamento de Dilma Rousseff**. Dissertação de Mestrado. Curso de Letras. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: 2018. 85 fl.

STAUFFER, Leilane, T. Democracia da eficiência? A construção da voz oficial de Michel Temer em pronunciamento de posse. **Anais do VIII SEAD: O político na análise do discurso** contradição, silenciamento, resistência, 2017.

6. Anexos⁵

Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 12 de maio de 2016.

Olhe, meus amigos, eu quero cumprimentar todos os ministros empossados,
Os senhores governadores,
Senhoras e senhores parlamentares,
Famíliares,
Amigos,
Senhoras e senhores,

⁵ Extraído de https://gestaoconteudo.presidencia.gov.br/gestao_planalto/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto. Acesso em 12/07/2018.

Eu pretendia que esta cerimônia fosse extremamente sóbria e discreta, como convém ao momento que vivemos. Entretanto, eu vejo o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores governadores, e tenho absoluta convicção de que este entusiasmo deriva, precisamente, da longa convivência que nós todos tivemos ao longo do tempo. Até pensei, num primeiro momento, que não lançaria nenhuma mensagem neste momento. Mas percebi, pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, que indispensável seria esta manifestação.

E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança. Confiança nos valores que formam o caráter de nossa gente, na vitalidade da nossa democracia; confiança na recuperação da economia nacional, nos potenciais do nosso país, em suas instituições sociais e políticas e na capacidade de que, unidos, poderemos enfrentar os desafios deste momento que é de grande dificuldade.

Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a Nação e unificar o Brasil. É urgente fazermos um governo de salvação nacional. Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro hão de emprestar sua colaboração para tirar o país dessa grave crise em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios para avançar e garantir a retomada do crescimento. Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, tem as melhores receitas para as reformas que precisamos realizar. Mas nós, governo, Parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las.

Eu conservo a absoluta convicção de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas se entusiasmem e retomem, em segurança, com seus investimentos. Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no País.

Sabemos que o Estado não pode tudo fazer. Depende da atuação dos setores produtivos: empregadores, de um lado, e trabalhadores de outro. São esses dois polos que irão criar a nossa prosperidade. Ao Estado compete - vou dizer, aqui, o óbvio -, compete cuidar da segurança, da saúde, da educação, ou seja, dos espaços e setores fundamentais, que não podem sair da órbita pública. O restante terá que ser compartilhado com a iniciativa privada, aqui entendida como a conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores.

O emprego, sabemos todos, é um bem fundamental para os brasileiros. O cidadão, entretanto, só terá emprego se a indústria, o comércio e as atividades de serviço, estiverem todas caminhando bem.

De outro lado, um projeto que garanta a empregabilidade, exige a aplicação e a consolidação de projetos sociais. Por sabermos todos, que o Brasil lamentavelmente ainda é um País pobre. Portanto, reafirmo, e o faço em letras garrafais: vamos manter os programas sociais. O Bolsa Família, o Pronatec, o Fies, o Prouni, o

Minha Casa Minha Vida, entre outros, são projetos que deram certo, e, portanto, terão sua gestão aprimorada. Aliás, aqui mais do que nunca, nós precisamos acabar com um hábito que existe no Brasil, em que assumindo outrem o governo, você tem que excluir o que foi feito. Ao contrário, você tem que prestigiar aquilo que deu certo, completá-los, aprimorá-los e inserir outros programas que sejam úteis para o País. Eu expresso, portanto, nosso compromisso com essas reformas.

Mas eu quero fazer uma observação. É que nenhuma dessas reformas alterará os direitos adquiridos pelos cidadãos brasileiros. Como menos fosse sê-lo-ia pela minha formação democrática e pela minha formação jurídica. Quando me pedirem para fazer alguma coisa, eu farei como Dutra, o que é diz o livrinho? O livrinho é a Constituição Federal.

Nós temos de organizar as bases do futuro. Muitas matérias estão em tramitação no Congresso Nacional, eu até não iria falar viu, mas como todo mundo está prestando atenção, eu vou dar toda uma programação aqui. As reformas fundamentais serão fruto de um desdobramento ao longo do tempo. Uma delas, eu tenho empenho e terei empenho nisso, porque eu tenho nela, é a revisão do pacto federativo. Estados e municípios precisam ganhar autonomia verdadeira sobre a égide de uma federação real, não sendo uma federação artificial, como vemos atualmente.

A força da União, nós temos que colocar isso na nossa cabeça, deriva da força dos estados e municípios. Há matérias, meus amigos, controvertidas, como a reforma trabalhista e a previdenciária. A modificação que queremos fazer, tem como objetivo, e só se este objetivo for cumprido é que elas serão levadas adiante, mas tem como objetivo o pagamento das aposentadorias e a geração de emprego. Para garantir o pagamento, portanto. Tem como garantia a busca da sustentabilidade para assegurar o futuro.

Esta agenda, difícil, complicada, não é fácil, ela será balizada, de um lado pelo diálogo e de outro pela conjugação de esforços. Ou seja, quando editarmos uma norma referente a essas matérias, será pela compreensão da sociedade brasileira. E, para isso, é que nós queremos uma base parlamentar sólida, que nos permita conversar com a classe política e também com a sociedade.

Executivo e legislativo precisam trabalhar em harmonia e de forma integrada. Até porque no Congresso Nacional é que estão representadas todas as correntes da opinião da sociedade brasileira, não é apenas no executivo. Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros. Portanto, nós temos que governar em conjunto.

Então, nós vamos precisar muito da governabilidade e a governabilidade exige - além do que eu chamo de governança que é o apoio da classe política no Congresso Nacional - precisam também de governabilidade, que é o apoio do povo. O povo precisa colaborar e aplaudir as medidas que venhamos a tomar. E nesse sentido a classe política unida ao povo conduzirá ao crescimento do País. Todos os

nossos esforços estarão centrados na melhoria dos processos administrativos, o que demandará maior eficácia da governança pública.

A moral pública será permanentemente buscada por meio dos instrumentos de controle e apuração de desvios. Nesse contexto, tomo a liberdade de dizer que a Lava Jato tornou-se referência e como tal, deve ter (*falha no áudio*) e proteção contra qualquer tentativa de enfraquecê-la.

O Brasil, meus amigos, vive hoje sua pior crise econômica. São 11 milhões de desempregados, inflação de dois dígitos, déficit quase de R\$ 100 bilhões, recessão e também grave a situação caótica da saúde pública. Nosso maior desafio é estancar o processo de queda livre na atividade econômica, que tem levado ao aumento do desemprego e a perda do bem-estar da população.

Para isso, é imprescindível, reconstruirmos os fundamentos da economia brasileira. E melhorarmos significativamente o ambiente de negócios para o setor privado. De forma que ele possa retomar sua rotação natural de investir, de produzir e gerar emprego e renda.

De imediato, precisamos também restaurar o equilíbrio das contas públicas, trazendo a evolução do endividamento no setor público de volta ao patamar de sustentabilidade ao longo do tempo. Quanto mais cedo formos capazes de reequilibrar as contas públicas, mais rápido conseguiremos retomar o crescimento.

A primeira medida, na linha dessa redução, está, ainda que modestamente, aqui representada, já eliminamos vários ministérios da máquina pública. E, ao mesmo tempo, nós não vamos parar por aí. Já estão encomendados estudos para eliminar cargos comissionados e funções gratificadas. Sabidamente funções gratificadas desnecessárias. Sabidamente, na casa de milhares e milhares de funções comissionadas.

Eu quero, também, para tranquilizar o mercado, dizer que serão mantidas todas as garantias que a direção do Banco Central hoje desfruta para fortalecer sua atuação como condutora da política monetária e fiscal. É preciso, meus amigos, - e aqui eu percebo que eu fico dizendo umas obviedades, umas trivialidades, mas que são necessárias porque, ao longo do tempo, eu percebo como as pessoas vão se esquecendo de certos conceitos fundamentais da vida pública e da vida no Estado.

Então, quando eu digo “é preciso dar eficiência aos gastos públicos”, coisa que não tem merecido maior preocupação do Estado brasileiro, nós todos estamos de acordo com isso. Nós precisamos atingir aquilo que eu chamo de “democracia da eficiência”. Porque se, no passado, nós tivemos, por força da Constituição, um período da democracia liberal, quando os direitos liberais foram exercitados amplamente. Se, ao depois, ainda ancorado na Constituição, nós tivemos o desfrute dos chamados direitos sociais, que são previstos na Constituição, num dado momento aqueles que ascenderam ao primeiro patamar da classe média, começaram a exigir eficiência, eficiência do serviço público e eficiência nos serviços privados. E é por isso que hoje nós estamos na fase da democracia da eficiência,

com o que eu quero contar com o trabalho dos senhores ministros, do Parlamento e de todo o povo brasileiro.

Eu quero também remover - pelo menos nós faremos um esforço extraordinário para isto - a incerteza introduzida pela inflação dos últimos anos. Inflação alta - vai mais uma trivialidade - atrapalha o crescimento, desorganiza a atividade produtiva e turva o horizonte de planejamento dos agentes econômicos. E sabe quem sofre as primeiras consequências dessa inflação alta? É a classe trabalhadora e os segmentos menos protegidos da sociedade, é que pagam a parte mais pesada dessa conta.

Nós todos sabemos que, há um bom tempo, o mundo está de olho no Brasil. Os investidores acompanham, com grande interesse, as mudanças no nosso país. Havendo condições adequadas - e nós vamos produzi-las -, a resposta será rápida, pois é grande a quantidade de recursos disponíveis no mercado internacional e até internamente, e ainda maior as potencialidades no nosso País. E com base no diálogo, nós adotaremos políticas adequadas para incentivar a indústria, o comércio, os serviços e os trabalhadores. E a agricultura, tanto a familiar quanto o agronegócio. Precisamos prestigiar a agricultura familiar, que é quase um microempreendimento na área da agricultura, especialmente apoiando e incentivando os micros, pequenos e médios empresários. Além de modernizar o País, estaremos realizando o maior objetivo do governo: reduzir o desemprego. Que há de ser, os senhores percebem, estou repetindo esse fato porque eu tenho tido - e os senhores todos têm tido -, contato em todas as partes do País, com famílias desempregadas. E nós vemos o desespero desses brasileiros, que contam com um País com potencialidades extraordinárias e que não consegue levar adiante uma política econômica geradora de empregos para todos os brasileiros.

Quero falar um pouco sobre a atuação nas linhas interna e externa do Brasil. E esses princípios estão consagrados na Constituição de [19]88, senador Mauro Benevides, que nós ajudamos a redigir, não é? Eu indico, porque esses preceitos indicam caminho natural para definição das linhas da atuação interna e externa do Brasil. Os senhores veem que eu insisto muito no tema da Constituição porque, ao meu modo de ver, toda vez que nós nos desviamos dos padrões jurídicos, e o Direito existe, exata e precisamente, para regular as relações sociais, quando nós nos desviamos as (incompreensível) dos limites do Direito, nós criamos a instabilidade social e a instabilidade política. Por isto eu insisto sempre em invocação do texto constitucional.

Muito bem, nesta Constituição, a independência nacional, a defesa da paz e da solução pacífica de conflitos, o respeito à autodeterminação dos povos, a igualdade entre os estados, a não-intervenção, a centralidade dos direitos humanos e o repúdio ao racismo e ao terrorismo, dentre outros princípios, são valores profundos da nossa sociedade. E traça uma imagem de um País pacífico e ciente dos direitos e deveres estabelecidos pela nossa Constituição.

São, meus amigos, esses elementos de consenso que nos permite estabelecer bases sólidas para a política externa que volte a representar os valores e interesses permanentes no nosso País. A recuperação do prestígio do País e da confiança em seu futuro serão tarefas iniciais e decisivas para o fortalecimento da inserção internacional da nossa economia.

Agora em agosto o Brasil estará no centro do mundo com a realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro. Bilhões de pessoas assistirão jogos, jornalistas de vários países estarão presentes para reportar o país-sede das competições. Muito além dos esportes, sabemos disso, as pautas se voltaram para as condições políticas e econômicas do País. Tão cedo não voltaremos oportunidade como esta de atrair a atenção de tanta gente, ao mesmo tempo, em todos os cantos do mundo.

Nesta tarde de quinta-feira, porém, e desde já pedindo desculpas pelo possível, para usar um refrão, pelo possível alongado da exposição, eu quero dizer, reiterar, que a minha intenção era realizar essa cerimônia, digamos assim, com a maior sobriedade possível. Estamos fazendo porque, sem embargo do entusiasmo de todos os senhores, todos nós compreendemos o momento difícil, delicado, ingrato que estamos todos passando.

Por isso, nessa tarde de quinta-feira não é momento para celebrações, mas para uma profunda reflexão: é o presente e o futuro que nos desafiam e não podemos olhar para frente com os olhos de ontem. Olhamos com olhos no presente e olhos no futuro.

Faço questão, e espero que sirva de exemplo, e declarar meu absoluto respeito institucional à senhora presidente Dilma Rousseff. Não discuto aqui as razões pelas quais foi afastada. Quero apenas sublinhar a importância do respeito às instituições e a observância à liturgia nas questões, no trato das questões institucionais. É uma coisa que nós temos que recuperar no nosso País. Uma certa cerimônia não pessoal, mas uma cerimônia institucional, uma cerimônia em que as palavras não sejam propagadoras do mal-estar entre os brasileiros, mas, ao contrário, que sejam propagadoras da pacificação, da paz, da harmonia, da solidariedade, da moderação, do equilíbrio entre todos os brasileiros.

Tudo o que disse, meus amigos, faz parte de um ideário que ofereço ao País, não em busca da unanimidade, o que é impossível, mas como início de diálogo com busca de entendimento. Farei muitos outros pronunciamentos. E meus ministros também. Meus ministros é exagerado, são ministros do governo. O presidente não tem vice-presidente, não tem ministro, quem tem ministro é o governo. Então, os ministros do governo farão manifestações nesse sentido, sempre no exercício infatigável de encontrar soluções negociadas para os nossos problemas. Temos pouco tempo, mas se nos esforçarmos, é o suficiente para fazer as reformas que o Brasil precisa.

E aí, meus amigos, eu quero dizer, mais uma vez, da importância dessa harmonia entre os Poderes, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a determinação, na própria

Constituição - e eu a cumprirei - no sentido de que cada órgão do Poder tem as suas tarefas: o Executivo executa, o Legislativo legisla, o Judiciário julga. Ninguém pode interferir em um ou outro poder por uma razão singela: a Constituição diz que os poderes são independentes e harmônicos entre si.

Ora, bem, nós não somos os donos do poder, nós somos exercentes do poder. O poder, está definido na Constituição, é do povo. Quando o povo cria o Estado, ele nos dá uma ordem: “Olha aqui, vocês, que vão ocupar os poderes, exercam-no com harmonia porque são órgãos exercentes de funções”. Ora, quando há uma desarmonia, o que há é uma desobediência à soberania popular, portanto há uma inconstitucionalidade. E isso nós não queremos jamais permitir que se pratique.

Dizia aos senhores que a partir de agora nós não podemos mais falar em crise. Trabalharemos. Aliás, há pouco tempo, eu passava por um posto de gasolina, na Castelo Branco, e o sujeito botou uma placa lá: “Não fale em crise, trabalhe”. Eu quero ver até se consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil, porque isso cria também um clima de harmonia, de interesse, de otimismo, não é verdade? Então, não vamos falar em crise, vamos trabalhar.

O nosso lema - que não é um lema de hoje -, o nosso lema é Ordem e Progresso. A expressão da nossa bandeira não poderia ser mais atual, como se hoje tivesse sido redigida.

Finalmente, meus amigos, fundado num critério de alta religiosidade. E vocês sabem que religião vem do latim *religio*, *religare*, portanto, você, quando é religioso, você está fazendo uma religação. E o que nós queremos fazer agora, com o Brasil, é um ato religioso, é um ato de religação de toda a sociedade brasileira com os valores fundamentais do nosso País.

Por isso que eu peço a Deus que abençoe a todos nós: a mim, à minha equipe, aos congressistas, aos membros do Poder Judiciário e ao povo brasileiro, para estarmos sempre à altura dos grandes desafios que temos pela frente.

Meu muito obrigado e um bom Brasil para todos nós.